



Da razão impura – António Osório e a alegria da Criação

PALAVRAS-CHAVE: natureza, contemplação do real, vocação amorosa, Criação.

KEYWORDS: nature, reality contemplation, amorous vocation, Creation.

Ao Paulo, em nome da alegria
e também da criação

Este amor está preso aos pés da terra
Armando Silva Carvalho, *De Amore*

Embora pudesse ser esse um caminho possível, não é meu intento, ao invocar aqui o princípio da razão impura, fazer apelo à consabida retórica kantiana (no caso, contra-kantiana) como trajeto de leitura da poesia de António Osório. Na verdade, pretendo apenas referir-me à razão impura no sentido que Manuel Gusmão confere a esta expressão para sublinhar a realidade da vocação amorosa inerente a todo o fazer poético. Num texto justamente intitulado “Da poesia como razão apaixonada” esclarece o ensaísta:

O que está em jogo neste título (...) é muito simplesmente a tentativa de dizer a poesia como forma de pensamento e de conhecimento, radicalmente imersa, afectada ou apaixonada pelo fazer em que existe. (...) A ideia de argumento fundamental é, assim, a de apresentar a poesia como uma razão impura, um discurso-razão apaixonado pela materialidade translinguística, verbal e social de que se faz. (...) O que a poesia conhece no seu fazer-se seria então a linguagem; o mundo de mundos a que chamamos o real; e os humanos que historicamente somos. (Gusmão, 2010: 60)

Parece cobrar, assim, sentido a face amante e, por isso, macular e impura, de uma forma de conhecimento do real que o poeta de *Raiz Afectuosa* (1972) soube sempre converter numa verdadeira poética da aliança entre a poesia e o mundo, poética esta cujo sentido projetivo o seu ensaio “Natureza e Missão da Literatura” (publicado nas páginas da efémera revista *Anteu* (1954) e onde colaboravam, entre outros, Pedro Tamen e Cristóvam Pavia) já previa, em modo de embrionária síntese. De facto, este pequeno ensaio de António Osório tem sido apontado

pelos críticos da sua obra como o espaço inaugural de textualização desse corpo único constituído por poesia e mundo e transmutado, *ab initio*, em programa de doutrina poética. Neste sentido, num pequeno estudo de finais dos anos 80 sobre António Osório, e recordando que o valor programático do ensaio “Natureza e Missão da Literatura” não deixa “de se reflectir na sua criação poética” (Guimarães, 1989: 107), Fernando Guimarães sublinha a defesa, empreendida pelo autor de *Décima Aurora*, de uma poesia próxima do mundo, porque, tal como refere Sartre (citado por Osório) “O homem é toda a Terra” (Apud Guimarães, 1989:107)¹.

Sendo o Homem toda a Terra, a arte produzida pelo Homem terá que ser toda a Terra também, desde a mais recôndita poeira cósmica à dolorosa floração dos hibiscos ou à ternura impudente dos animais. Contínuo “aprendiz de coisas” (Osório, 2009: 198), como sugere o título de um texto de *Décima Aurora*, ou engenhoso “mendigo de olhos” (ibid.: 182), para evocar o título de um dos poemas de (*O Lugar do Amor*), António Osório promove uma arte entendida, em palavras do próprio autor, “como um enormíssimo *plágio* (místico) do real” (ibid.: 291), que o mesmo é dizer, como uma reduplicação figurada do mundo capaz de reflectir, tanto o concreto do seu cheiro ou dos seus sussurros, como a visão transcendente das suas formas ou o carácter esquivo, inapreensível da mais funda voz da matéria. Ao todo globalizante do mundo (as árvores, os objetos, os homens e os animais) é conferido, assim, na obra poética do escritor, um protagonismo enunciativo absolutamente singular na poesia portuguesa, protagonismo este que se, por um lado, se encarrega de acentuar a importância do individual no todo indistinto da Criação, por outro não deixa de sublinhar, em contínuos movimentos de singularização, a (por vezes residual) humanidade de todas as criaturas, viventes e não viventes - é assim que devem entender-se, segundo creio, as várias *falas*, *lamentos* ou *monólogos* que povoam a poesia do autor: por exemplo, o “Monólogo de Gonçalo, Queijeiro” (ibid.: 250), o “Lamento do guarda-rios” (ibid.: 67) ou do cantoneiro (ibid.: 56) e a fala do arrumador de automóveis (ibid.: 83), do guarda-florestal (ibid.: 90), da águia (ibid.: 72) ou do tractor (ibid.: 51):

FALA O TRACTOR

Não gosto deste perfil de gafanhoto.
 Constante sou, trepido, usam-me,
 servo da gleba. Rasgo e acamo,
 tenho um veio de dolorosa, serena
 transmissão. Custa levar de rojo

¹ Atente-se nas palavras de Fernando Guimarães: “No estudo em questão, António Osório defende a ideia de que a poesia não vive desinserida do mundo, da circunstância, porque – como se pode ler neste passo de Sartre que cita – «l’Homme c’est tout la terre»” (Guimarães, 1989:107). Fernando Pinto do Amaral aponta igualmente o retorno ao concreto como uma das pedras de toque da poesia de Osório (Cf. Amaral, 1990: 55) e José Manuel de Vasconcelos, no seguimento deste mesmo princípio de adesão *impura* ao real, recorda que foi justamente através do ensaio “Natureza e Missão da Literatura” que António Osório se demarca “de movimentos literários organizados e de objectivos programáticos, como o neo-realismo, o psicologismo de fonte presencialista e o surrealismo, que considerava sempre imperfeitos e redutores face ao mistério da «condição humana»” (Vasconcelos, 2006: 3).

uma vaca à cova. Esmaguei já
 uma perna. Detesto o peso do reboque.
 Cinco anos e ainda não percebo estas
 sujas peças que rodam em mim.
 A escavadora, ao menos, uiva
 (amo-a). Não me agrada a sucata. (ibid.: 51)

Num contexto pós-estruturalista de retorno ao real² (*Raiz Afectuosa*, o seu primeiro livro, é de 1972), a visão lírica de António Osório não investe, todavia, num “realismo prosaico ou intrascendente” (Apud Osório, 2009: 593), porquanto o seu olhar mendicante como que força, a cada exercício de observação, a pele visível das coisas para prosseguir escavando, paciente e discretamente, em busca da razão interna dos objetos, seres ou imagens. A sua corresponde, pois, a uma contemplação tão meditativa como visual, na exata medida em que parece alimentá-la a discreta persistência de um raciocínio de acentuado teor especulativo, o qual, habitualmente ao recato da ingente indiscrição das palavras, acede a tocar, em estudadas (e episódicas) incisões verbais, a malha superficial do verso. Atente-se, a título de exemplo, na singela contemplação do labor modestíssimo de uma larva e de que resulta o poema seguinte, construído muito mais do lado do espírito, que a tudo parece habitar, do que do lado da pura animalidade da matéria. Mas, como já vimos antes, a razão (que o mesmo é dizer, o entendimento ou o conhecimento do mundo) é, em António Osório, um signo tendencialmente *impuro*:

LARVA

Larva processionária
 dos pinheiros, que dizer
 de sua sagacidade?
 Que requiem celebra
 sobre a areia e caruma estival? (...)
 De que pacto indigno
 foi vítima? Quem ama
 fora das suas destruições?
 Onde escolhe o túmulo? Na resina
 ficará embebida? Quem decide
 do último segundo de uma larva? (ibid.: 54-55)

² Fernando Pinto do Amaral recordou já, com inteira propriedade, este aspeto: “Poder-se-á então afirmar que a grande aposta da obra de Osório, o desafio maior da sua escrita foi algo que, de forma simplificadora, se definiria como um *regresso ao humano*. Vínhamos de uma década de 60 marcada pela voga de um estruturalismo cujas franjas mais extremas pretendiam enquadrar o pensamento ou as emoções, a arte ou as ideias, em sistemas regulados por leis internas e cada vez mais separadas do *Lebenswelt*. Ora o primeiro livro de António Osório (de 1972, relembro) surge precisamente num momento em que uma certa asfíxia iria começar a sentir-se perante essa posição que punha na relação da poesia com a *linguagem* uma ênfase porventura excessiva” (Amaral, 1990: 55).

A espiritualidade que António Osório associa ao corpo totalizante da Criação mostra-se, assim, indissociável da sua adesão afetiva (quase cariciosa) ao real, como se à palavra poética presidisse uma vocação amorosa que pudesse tomar a Terra, com tudo o que há nela, por objeto contínuo de desejo. Como lembra Eugénio Lisboa, num texto lapidar sobre a obra poética do autor de *Adão, Eva e o Mais*, o programa poético de António Osório é “um programa de amor minucioso da vida, do real, de atenção meticulosa e intrépida à totalidade de que é feita a vida e que não exclui, antes absorve, com frontalidade e quase gula – até o óbvio, isto é, aquilo de que tem fugido com tanta frequência, numa espécie de fuga esquizofrénica e pávida, tanta da poesia portuguesa (e não só) do Modernismo para cá” (Lisboa, 1983: 77). A expressão “raiz afectuosa”, que intitula a primeira coletânea poética do autor e, dentro dela, o primeiro dos seus poemas, volve-se assim na expressão de um programa poético de adesão impura ao real que, “com os anos” (Osório, 2009: 20), “a pouco e pouco” (ibid.: 20) foi penetrando fundo na terra arável do poema.

“Possível porta de salvação para um mundo aniquilado” (Vasconcelos, 2006: 4), para utilizar as palavras certeiras de José Manuel de Vasconcelos, ou defendendo-se “do colapso trágico” (Lisboa, 1983: 78) acolhendo afetivamente o real, a poesia de António Osório decorre, pois, de uma contemplação amorosa do mundo (na dupla dimensão de *eros* e *agapé*³ que o termo amor prevê), mundo este que, na obra poética do autor, só aparentemente parece de regresso ao instante inaugural da Criação. Na verdade, nem preside à poesia de António Osório um intuito refundador do já criado, nem parece interessar-lhe, em todos e em cada um dos seus livros, a simulação do gesto pré ou pós-diluviano de quem faz ou refaz o mundo, preferindo-se assim, à iterativa tarefa da Criação, a de uma observação meticulosa do real, com olhos sempre lavados de imagens e sentidos. Não estaremos talvez, pelo menos em alguns aspetos, muito longe de Alberto Caeiro, para quem, todavia, a adesão vagamente franciscana ao todo do mundo era, mais do que para o poeta de *Aforismos Mágicos*, um vigilante exercício de aprendizagem. E cito alguns versos de *Décima Aurora* que revelam em António Osório o ascendente poético do santo de Assis: “o mundo deveria ser refeito / por alguns santos. / São Francisco de Assis, / a seu cargo as criaturas, / não deixaria se pervertessem / e o sol poluísse os mortos” (Osório, 2009: 249)⁴.

³ Rosa Maria Martelo e Fernando Pinto do Amaral salientaram justamente a confluência da dimensão de *eros* e de *agapé* na cosmovisão amorosa de António Osório: “muito contra as dominantes da tradição lírica, o lirismo de António Osório nunca opõe *eros* a *agapé*: antes junta essas duas formas de amor, intensificando-as de reflexos recíprocos” (Martelo, 2010: 139). Cf. Amaral, 1990: 62-63.

⁴ Não está, por seu turno, ausente da bibliografia crítica de António Osório a referência explícita ao parentesco existente entre a sua poesia e o autor de *Cantico delle Creature*. No seu ensaio intitulado “A árvore dos afectos. Sobre a poesia de António Osório”, José Manuel de Vasconcelos lembra que “a natureza está presente em toda a obra de António Osório, que a interroga e com ela dialoga com a humildade de sentidos de um franciscano e o entendimento de um panteísta” (Vasconcelos, 2006: 16). Numa entrevista concedida a Ana Marques Gastão, o poeta confessa ainda: “De todos os Santos, aquele de que estou mais próximo é, sem dúvida, São Francisco. O *Cantico delle Creature* fica a meu lado quando durmo. Trouxe-o de Assis, cidade extraordinária, o requinte e o gosto magnífico pela beleza dos italianos funde-se com a *caritas* do amigo do que é pequeno, pobre e desafortunado” (Osório, 2009: 601).

Entre o aplauso do exemplo franciscano e a irradiação panteísta do afeto (“Há quem chame Deus às legendas / que acompanham a película da terra” (ibid.: 60)), a *impura* contemplação da natureza na obra de António Osório não poderia, pois, reincidir na desmesura luciferina da recriação, porquanto subjaz, à dimensão genesiaca da sua poesia, o propósito de ratificação de um “acordo primordial de pertença” (Mendonça, 2008: 65) “entre *adam* (homem) e *adamah* (terra)” (ibid.: 65). Não há, assim, propriamente domínio do homem sobre a terra (nem sequer domínio da mão criadora sobre terra e homem) ou, a havê-lo, parece tratar-se aqui de um domínio que dilui o sentido de posse do dominante sobre o dominado, para incutir em *adam* o sentido de uma responsabilidade diretamente recebida de Deus – a de cuidar os frutos da divina criação: “Façamos o Homem à Nossa imagem, à Nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra” (Gn 1, 26), diz o Génesis. Ora, relativamente ao sentido bíblico do *domínio* do homem sobre a natureza adverte José Tolentino Mendonça que “o conteúdo de tal provisão, expresso pelo verbo «dominar», deve entender-se não à maneira de uma tutela absoluta e arbitrária, mas próximo do campo semântico pastoril” (Mendonça, 2008: 65-66). Efetivamente, António Osório não recria nem domina o real, mas, tal como Adão (o primeiro nascente), converte-se no seu pastor, somando poemas e livros como se de uma grande arca invisível se tratasse (construída ao abrigo do arrependimento divino e do assassinio ambiental do homem), ou como se fossem os seus versos a verdadeira estufa de Deus, “uma explosiva casa / de linhagens” (Osório, 2009: 54) à qual cabe a suma responsabilidade de guardar e cuidar amorosamente o mundo e todas as suas espécies, desde as botânicas às animais, da corporeidade humana à *matéria volátil* do espírito:

ESTUFIM

Veleidade, reter avencas,
 azáleas, os cactos
 guerreiros e o mais,
 cordame de feitiços.
 Ninguém possui a natureza.
 Ninguém a comanda
 nem entranha ou abriga.
 A sua é explosiva casa
 de linhagens; o mundo,
 estufim de Deus,
 absoluta ciência e olvidos,
 sua escassez. (ibid.: 54)

Profundamente assimilada que está, no espírito do poeta, a bíblica aliança entre Criador e criatura, nenhuma sombra de dilúvio persegue a solidez pastoral do poema, reeditando assim a poética do escritor o reconhecimento pós-diluviano da inevitabilidade do mal⁵,

⁵ Sobre a questão do reconhecimento do mal na poesia de António Osório, esclarece Levi Condinho: “Há, aqui e sempre, um sorriso magoado, compreensivo, compassivo, do poeta, experimentado conhecedor da

o qual não rasura, antes amplifica, a possibilidade da comovida contemplação do mundo, numa sábia orquestração de temor e esperança já condensada no Génesis – porque o poeta “quis, não ao dilúvio, / mas à arrependida recessão das águas” (ibid.: 89), como se diz em *A Ignorância da Morte*, num poema que, talvez melhor do que qualquer outro, exprime a fusão, na poética do autor, de uma celebração sem aplauso e de uma censura sem repúdio e que é, parece-me, a raiz de toda a contemplação pastoral do mundo:

UM DIA

Um dia pensará alguém, lendo estes versos,
 por que razão ocultou
 (de propósito) tanta piedade
 e sofreu de mão aberta
 por rapaces, ébrios
 e um lobinho que sua mãe enterrou
 escavando com focinho cruel o túmulo,
 procurava escrever direito
 por linhas tortas
 e amava a tal ponto a vida
 que dela ficou aquém, com suas garatujas;
 porque quis ser folhas de azinheira
 para uma cabra-montês, pagando o mal
 dos outros e o seu
 e tímida inveja tinha das aves
 (só delas) e dessas delicadas
 entabulações amorosas,
 que o assombravam tanto como a perfídia,
 um pedinte, a luxúria
 ou a consoladora luz matutina;
 porque quis, não ao dilúvio,
 mas à arrependida recessão das águas,
 parou com as reses
 a caminho do seu fim, como uvas
 de camião no Outono,
 e todas as estações o angustiavam
 (não só a Primavera), devido à perfeita,
 à meticulosa organização do nada;
 e porque amou tão pouco, ele deseioso
 de voltar ao fundo de sua mãe,
 não por afã da morte ou mórbido enfado,
 mas para recomeçar como criança. (ibid.: 89-90)

inevitabilidade do «mal» inerente à mecânica da vida, mas rebelde a uma aceitação passiva, quer da extensão desse mal, quer dos desígnios perversos que se ocultam na sua génese. Daí que possamos denominar esta poesia como um contraveneno, obra das mãos de um alquimista que nada ignora, mas que tudo faz para minorar, ou, se possível, curar a enfermidade do “veneno” maior que tudo invadiu...” (Condinho, 1996: 287).

No decurso deste *impuro* apascentamento do real, (estudadamente sereno, é certo) a poesia de António Osório realiza uma programática fuga ao *pathos* de que a malha lírica do poema guarda, todavia, pequenas marcas indeléveis, lado a lado com a marca da sua retração verbal no corpo visível do verso. Tão importante como a busca incessante da concisão lírica⁶, uma vez que, como ensina o poeta, “a poesia não é, nunca foi / uma enumeração ou composto / de exuberância” (ibid.: 94)), a discursivização geográfica do *pathos*, na obra do escritor, como que obedece a um processo de movência reequilibrante do sentido que, não tendo como efeito imediato o branqueamento emotivo do júbilo ou da dor, acaba por assumir-se como o garante do discreto rigor que, na poética do autor, sempre acompanha a sua adesão *impura* ao mundo. Num dos belíssimos poemas que integram a segunda parte de *A Ignorância da Morte* (intitulada “Matéria Volátil” e dedicada, maioritariamente, ao desaparecimento da mãe), a dor da perda ocupa, não só, o lugar que lhe é próprio na pena do sujeito, mas também a desviante guarida do que lhe está ao lado (no caso, a sepultura contígua à da mãe), assegurando assim a temperança de um sentimento insistentemente moldado, na poética do escritor, pela programática ascese do verso. Chama-se “Catorze de Março” o poema e diz assim:

Catorze de Março, dia de teus anos.
 Nascentes cachos de uva, glicínia,
 vestígios da olaia, multidões de ervas.
 Mondo as primeiras sobre a sepultura
 e custa fazer-lhes mal, tocar-te.
 Em torno pinheiros e colinas levedam
 a Primavera. Entre canteiros correm
 dois rapazes, sua avó varre a meseta
 daquele corpo ao lado do teu.
 Leio: piloto. Nunca o viste. Sem bússola.
 Plâncton, ambos, no mar desconhecido. (ibid.: 111-112)

Na realidade, bastaria este poema para confirmar António Osório como um poeta tanto da “incandescência (...) como do rigor” (ibid.: 595): aos seus poemas, ou ainda aos textos em prosa que também escreveu, devemos, pois, olhá-los como a uma brasa recém-ardida que, na quietude astuciosa da cinza, pudesse guardar ainda a raiz incombustível do fogo. Porém, a incandescência só pode afirmar-se como um princípio poético se a sustiver uma depurativa retórica da concisão⁷ (de certo modo semelhante à da austeridade estilística e argumentativa do Génesis) e que permita ao poeta (usando as suas palavras) “dizer o inominável de forma brutal, mas sem a desmesura daquele: o máximo de violência num mínimo de retórica, explorando outra.

⁶ Em *Aforismos Mágicos* recorda-se justamente que “Jamais a concisão é forjada, corresponde ao grau de simplicidade interior” (Osório, 2009: 455).

⁷ Cf. Lourenço, 1984: 14: “Como a de outros poetas da sua ou próxima geração, a poética de António Osório é a da elipse, a do curto-circuito das imagens e dos conceitos, tanto como a de um quase provocante prosaísmo, a meio caminho entre a evidência e o enigma”.

Vulcânica orquestração de pianíssimos” (ibid.: 262).⁸ Repare-se, pois, no chicote aparentemente inócuo deste poema-relatório dirigido ao Pai (inserido na coletânea *A Ignorância da Morte*) e na coda que o completa, adentrando (quase sem aviso) o avesso do coração:

AINDA ME ACOLHO

Ainda me acolho, Pai,

à tua madressilva.

Ali tens a passiflora,

não envelheceu.

O cedro grande, maior ainda.

O forno, dedadas

expungidas pelas portas.

A buganvília, não esqueço,

é preciso cortá-la.

A Mãe não está nem volta. (ibid.: 116)

Socorrendo-se da já clássica obra de Northrop Frye sobre a importância centralizadora da Bíblia na cultura literária ocidental (refiro-me a *The Great Code. The Bible and the Literature*), José Tolentino Mendonça designa o livro sagrado como “uma espécie de microcosmos de toda a experiência poética e literária do Ocidente” (Mendonça, 2008: 19), o que, se estará certo mesmo para os autores que procuram fazer o seu caminho longe do ascendente simbólico da textualidade sagrada, adquire um relevo acrescido num autor como António Osório, que desde *Raiz Afectuosa* tem sabido nutrir-se do intertexto bíblico (com particular destaque para a narrativa do Génesis)⁹ como de um magma preliminar do sentido. Efetivamente, se bem que, por exemplo, as figuras de Lázaro e Job correspondam, na obra poética do escritor, a um modo intermitente de presença¹⁰, os nomes de Adão, Eva e o mais do Génesis (como Noé ou Jacob) constituem um motivo de revisitação poética constante, mesmo fora da específica circunscrição do volume intitulado pelas figuras primordiais da Criação – refiro-me a *Adão, Eva e o Mais* (1983).

⁸ O poema “Inquirição”, de *Décima Aurora*, de claro pendor metapoético, regressa a esta questão, sobretudo na terceira estrofe: “Pergunto porque escrevo / como um chicote versos, tão frágeis / e humildes, escravizados, / e instilo numa só gota / a criação da chuva e a morte das sementes” (Osório, 2009: 228).

⁹ A dimensão genesiaca da sua poesia determina a censura da “condição penitenciária” (Osório, 2009: 318) a que o homem submete a natureza. António Osório não se refere, assim, ao seu *Zoo dos Homens* como a um mero bestiário, mas apenas como a um livro onde figuram animais “participantes todos do mistério deles e nosso, o da Criação. // Estes possuem de comum a condição penitenciária: pertencem ao património do «Jardim Zoológico», perversão edénica, ao seu cativo, ao seu degredo, mais triste e injusto que tantas restrições impostas pela Mãe natureza” (ibid.: 318). Pela mesma razão defende o poeta a natural liberdade das flores, que a perversão edénica de uma jarra contraria: “as flores que passam o tempo / na jarra, não gostam. // Gostam das mãos, das unhas / terrosas, da sobrança / água do jardineiro” (ibid.: 545).

¹⁰ Cf., por exemplo, a presença de Lázaro nos poemas “Ressurreição de Leopoldo Panero I” (inserido na coletânea *A Ignorância da Morte* (Osório, 2009: 88)) e “Que piedade, abominação” (de *O Lugar do Amor* (ibid.: 141)), bem como a de Job no poema “A Mão de Job” (de *Planetário e Zoo dos Homens* (ibid.: 314)).

Quer nesta obra quer no todo da matéria poética de António Osório, com especial incidência na coletânea *O Lugar do Amor*, as figuras de Adão e Eva consubstanciam o lugar da razão *impura* de Eros por oposição (ou em associação) à dinâmica afetiva de *agapé* que parece ditar, como vimos, a sintaxe do seu relacionamento pastoral com o mundo. “Cachorros da mesma ninhada” (Osório, 2009: 272), Adão e Eva configuram o espaço de um Eros inaugural¹¹ tocado já desse entendimento eponímico que o Pe. Carreira das Neves associa à sua circunstancialidade bíblica quando recorda que “Adão e Eva, neste *mito de origem*, não são pessoas históricas, mas epónimos da humanidade concreta” (Neves, 2010: 38). Deste modo, consagram ambos uma vasta linhagem de fulgor e penitência tão antiga quanto de séculos tem o mundo – como salienta um dos poemas iniciais de *Adão, Eva e o Mais*, “deles algo / noutros ficaria, transfluente” (Osório, 2009: 273). E o que sobretudo deles ficou foi, por um lado, o anúncio da instintiva sabedoria do amor fundente (capaz de transformar Adão num “doente de Eva” (ibid.: 283) e de transformar Eva na arca de Adão) e, por outro, “a surpresa perecível de amar” (ibid.: 277):

ARCA DE ADÃO

No Paraíso não havia arcas.

Tudo cabia em tudo.

Orgulhosa inocência,
não pungia a infância,
desatado laço.

Por seus pais não doía a memória,
tanto ominoso atropelo.

A serpente não desejava a morte.

Armadilhados, expulsos,
Adão ungiu-lhe de suor o corpo.

E acariciou-o com folhas
de cânfora, penetrando-a, contra a ira.
Doravante Eva seria a sua arca. (ibid.: 279)

Este poema, aparentemente tão linear na evocação do percurso de Adão e Eva no *Paradiso Voluptatis*, acaba por descrever o trajeto reptilíneo da posse que, na realidade, determina a expulsão dos amantes do paraíso fusional de Eros: da inutilidade de uma arca no Paraíso, porque em inocência tudo cabia em tudo, fora dele Eva passa a submeter-se à serpente enclausurante da posse (“Doravante Eva seria a sua arca”) e o amor de ambos à influência do mal inexpugnável, esse caruncho do desamor futuro saído “também de Deus / quando, ao sétimo dia, descansou” (ibid.: 284): “no Paraíso o caruncho / nunca ouviram. / Antes

¹¹ Pedro Mexia, no posfácio redigido para a coletânea *Adão, Eva e o Mais*, intitulado “Visitas ao Paraíso”, considera que não há no Génesis um clima que possamos qualificar como erótico, “porque o erotismo pressupõe civilização, e alguma perversidade; aqui estamos perante o puro acontecer dos corpos, replicação (independente da procriação) do acto inaugural de Deus” (Mexia, 2003: 143).

deles foi expulso: / para aguardá-los, / músico penetrante / de sua casa” (ibid.: 285). E em profunda aliança com os segredos da árvore do amor e da vida, o poeta viu que isto era bom.

Bibliografia

- AMARAL, Fernando Pinto do (1990). “António Osório: o humano e humilde labor da poesia”. In *O mosaico fluido. Modernidade e Pós-Modernidade na Poesia Portuguesa Mais Recente*. Lisboa: Assírio & Alvim, 55-66.
- CONDINHO, Levi (1996). “António Osório - *Antologia Poética*”. *Revista Colóquio/Letras* 140/141 (Abril), 286-287.
- GUIMARÃES, Fernando (1989). “A poesia de António Osório: realidade e significado”. In *A Poesia Contemporânea Portuguesa e o fim da Modernidade*. Lisboa: Caminho, 107-110.
- GUSMÃO, Manuel (2010). “Da poesia como razão apaixonada 3”. In *Tatuagem & Palimpsesto. Da poesia em alguns poetas e poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 60-79.
- LEVY, Shimon (2000). “The Performance of Creation, Creation in Performance”. In Luttikhuisen, Gerard P. (ed.). *The Creation of Man and Woman. Interpretations of the Biblical Narratives in Jewish and Christian traditions*. Brill: Leiden, Boston, Köln.
- LISBOA, Eugénio (1983). “Um inventário escrupuloso” [sobre a poesia de António Osório, a propósito da publicação de *O Lugar do Amor*], *Revista Colóquio/Letras* 72 (Março), 77-81.
- LOURENÇO, Eduardo (1984). “António Osório ou o coração iluminado”. In *António Osório*. Lisboa: Editorial Presença: 7-20.
- MARTELO, Rosa Maria (2010). “A fraterna luz da poesia”. In *A forma informe. Leituras de poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 133-140.
- MENDONÇA, José Tolentino (2008). *A Leitura Infinita. Bíblia e Interpretação*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MEXIA, Pedro (2003). “Visitas ao Paraíso” (Posfácio a *Adão, Eva e o Mais e Planetário e Zoo dos Homens*). Lisboa: Gótica, 143-148.
- NEVES, Pe. Carreira das (2010). *As Grandes Figuras da Bíblia*, Lisboa: Editorial Presença.
- OSÓRIO, António (2009). *A Luz Fraterna. Poesia Reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- RUBIM, Gustavo (1999). “António Osório”. In *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Vol.3. Lisboa: Verbo, 1308-1309.
- VASCONCELOS, José Manuel de (2006). “A Árvore dos Afectos: Sobre a poesia de António Osório”. *Foro das Letras*. Coimbra: Associação Portuguesa de Escritores -Juristas, 13/14, 25-43.

RESUMO

O presente estudo procede à análise da matéria poética de António Osório, procurando evidenciar o modo como a contemplação afetiva do real empreendida pelo poeta possibilita a textualização da sua deriva crítica pelos espaços bíblicos da Criação inscritos no Génesis.

ABSTRACT

This study analyzes Antonio Osorio's poetry, and aims to show how the affective contemplation of reality undertaken by the poet allows the textualization of his critical drift through the biblical spaces of Genesis Creation.